

O desenvolvimento da depressão em crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista: uma mini revisão integrativa de literatura

Clara Salvadora Melo Pereira¹; Maria Luiza Melo Pereira¹; Theo da Costa Pedatella¹; Fernando Marques Ribeiro Filho¹; João Gabriel Inacio dos Santos¹; Sara Fernandes Corrêa²

1. Discente do curso de Medicina da Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA.

2. Docente do curso de Medicina da Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA.

RESUMO: Este estudo apresenta uma mini revisão integrativa que investiga a relação entre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e o desenvolvimento de sintomas depressivos. A pesquisa foi conduzida a partir da pergunta norteadora: "Há uma probabilidade de indivíduos autistas desenvolverem depressão?" Foram selecionados cinco artigos publicados nos últimos cinco anos, utilizando descritores específicos em bases de dados como SciELO, Google Scholar e PubMed. Os resultados indicam uma prevalência aumentada de depressão em indivíduos com TEA, especialmente em adolescentes e adultos jovens, influenciada por fatores neurobiológicos e psicossociais. Os estudos destacam que o diagnóstico precoce e a intervenção adequada são fundamentais para reduzir o risco de comportamentos autolesivos e sintomas depressivos. Além disso, a revisão aponta que as manifestações atípicas da depressão em autistas, como irritabilidade e dificuldade em expressar emoções, complicam o diagnóstico e podem levar ao subdiagnóstico. A análise sugere a necessidade de abordagens multidisciplinares e de políticas de saúde que promovam um acompanhamento contínuo e suporte adequado, adaptado às particularidades dessa população. Assim, reforça-se a importância de estratégias específicas para o manejo da saúde mental em indivíduos com TEA, visando melhorar a qualidade de vida e reduzir o impacto da depressão.

Palavras-chave:
Desenvolvimento
Depressão.
Transtorno autístico
Crianças.
Adolescentes.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neuropsiquiátrica caracterizada por desafios significativos em áreas como comunicação social, comportamento e interesses restritos, afetando uma parte considerável da população mundial. Além dos sintomas característicos do transtorno, muitos indivíduos com TEA enfrentam comorbidades psiquiátricas, sendo a depressão uma das mais prevalentes¹. A relação entre autismo e depressão tem sido foco de investigações científicas, pois a coexistência dessas condições gera desafios tanto no diagnóstico quanto no manejo terapêutico².

Estudos recentes apontam que indivíduos com TEA têm uma probabilidade aumentada de desenvolver depressão, particularmente em fases críticas do desenvolvimento, como a adolescência e a transição para a vida adulta³.

Fatores como diagnóstico tardio, dificuldades de comunicação emocional, e o isolamento social contribuem para o desenvolvimento de sintomas depressivos, os quais podem ser atípicos em relação às manifestações tradicionais da doença⁴. O estudo de Hosozawa *et al.* por exemplo, mostrou que adolescentes com diagnóstico precoce de TEA apresentaram menores taxas de depressão e comportamentos autolesivos, evidenciando a importância do diagnóstico e intervenção precoces². O estudo de Van Heijst *et al.*, também abordou como fatores neurobiológicos e sociais, como dificuldades em interações sociais e comorbidades psiquiátricas, como a ansiedade, podem aumentar a vulnerabilidade à depressão em indivíduos com TEA¹.

As taxas de depressão são mais elevadas durante a adolescência e persistem ao longo da vida, com um pico significativo na transição para a vida adulta. Este achado ressalta a necessidade de intervenções contínuas e ajustadas às mudanças emocionais ao longo do tempo³. Existe uma apresentação atípica dos sintomas depressivos em indivíduos com TEA, com maior prevalência de irritabilidade e comportamentos autolesivos, o que torna o diagnóstico precoce e a intervenção mais difíceis⁴. As vivências de crianças e adolescentes com TEA e depressão, a partir da perspectiva de pais e pacientes, apontando que esses sintomas são frequentemente negligenciados ou subestimados devido à dificuldade na comunicação emocional e às manifestações atípicas⁵.

Dessa forma, a presente mini revisão integrativa tem como objetivo explorar a relação entre o TEA e a depressão, destacando os fatores de risco, a apresentação clínica dos sintomas e as implicações para o diagnóstico e tratamento dessas condições em indivíduos autistas. A partir da análise dos estudos selecionados, busca-se fornecer uma compreensão mais abrangente sobre a comorbidade entre o autismo e a depressão, propondo estratégias mais eficazes para o manejo dessa população, com ênfase na importância da detecção precoce e do suporte psicossocial contínuo.

METODOLOGIA

A mini revisão integrativa de literatura buscou responder à questão norteadora: Há uma probabilidade maior de indivíduos autistas desenvolverem depressão? Os artigos foram buscados na base de dados Scielo, Google Scholar e Pubmed, utilizando os descritores: “The development of depression in Autism”, “Autism in childrens and depression”, e “Adolescents with autism and depression”, utilizando entre eles o booleano AND. Foram encontrados 12 artigos em setembro de 2024. Os critérios de inclusão utilizados foram artigos publicados nos últimos 5 anos, em inglês e original. Os critérios de exclusão foram, estudos que não relacionavam diretamente a probabilidade de depressão em autistas. Restando, assim, 05 artigos que foram incluídos na mini revisão.

RESULTADOS

Nesse estudo, foi realizada uma análise dos cinco artigos selecionados sobre a relação entre o transtorno do espectro autista (TEA) e o desenvolvimento de depressão, conforme resumido no Quadro 1. Os estudos revisados destacam a presença significativa de sintomas depressivos em indivíduos com TEA e discutem os fatores que contribuem para esse risco, além de abordarem as particularidades na manifestação e diagnóstico desses sintomas.

De modo geral, os estudos indicam uma prevalência aumentada de depressão entre indivíduos com TEA, especialmente em adolescentes e adultos jovens¹⁻⁵. O estudo de Hosozawa *et al.*, enfatiza que o diagnóstico precoce e a intervenção adequada podem desempenhar um papel crucial na redução do risco de depressão e comportamentos autolesivos. O estudo também apontou que adolescentes com diagnóstico tardio ou sem acompanhamento adequado apresentam maior probabilidade de desenvolver sintomas depressivos, ressaltando a importância de políticas de saúde que promovam o diagnóstico precoce e o suporte contínuo. Da mesma forma, Uijarevic *et al.*, investigou a prevalência de depressão ao longo da vida em indivíduos com TEA e constatou que o risco se estende desde a adolescência até a velhice, com um pico significativo durante a transição para a vida adulta. Esse achado destaca a necessidade de intervenções voltadas para essa fase crítica do desenvolvimento^{2,3}.

Além disso, a análise de Van Heijst *et al.*, mostrou que o TEA e a depressão estão interconectados não apenas por fatores sociais, como a dificuldade em interações e exclusão social, mas também por fatores neurobiológicos. O estudo sugere que a presença de comorbidades, como a ansiedade, pode amplificar a vulnerabilidade à depressão nessa população. A pesquisa evidencia a complexidade dos fatores que influenciam o desenvolvimento de sintomas depressivos em indivíduos com TEA, sugerindo a necessidade de abordagens multidisciplinares para o manejo da saúde mental. Já o trabalho de Angel revelou que os sintomas depressivos em indivíduos com TEA podem apresentar-se de maneira atípica, com maior prevalência de irritabilidade e comportamentos autolesivos em vez de tristeza aparente. Essa manifestação não usual dos sintomas dificulta o diagnóstico precoce e a adequada intervenção. O estudo reforça a importância de profissionais de saúde mental estarem cientes dessas diferenças para evitar subdiagnóstico ou diagnósticos incorretos¹.

Por fim, no estudo de Rhodes *et al.*, investigou as experiências vividas por crianças e adolescentes com TEA e seus pais, evidenciando que os sintomas depressivos são frequentemente negligenciados ou subestimados pelos profissionais de saúde devido manifestações atípicas. Os pais relataram dificuldades em obter diagnósticos precisos e suporte adequado para os filhos, apontando para lacunas nos serviços de saúde mental destinados a essa população⁵.

Quadro 1: Artigos incluídos na análise da mini revisão integrativa de literatura, separados por autor/ano, desenho do estudo, objetivo, principais resultados e conclusões.

AUTOR/ANO	DESENHO DE ESTUDO	OBJETIVOS	PRINCIPAIS RESULTADOS	CONCLUSÕES
HOSOZAWA <i>et al.</i> (2020)	Estudo longitudinal	Avaliar o impacto do diagnóstico precoce no risco de depressão e autolesão em adolescentes com TEA.	Adolescentes com TEA que receberam diagnóstico precoce apresentaram menores taxas de depressão e comportamentos autolesivos.	O diagnóstico tardio de TEA está associado a um maior risco de depressão e comportamentos autolesivos. O diagnóstico precoce pode mitigar esses riscos.
VAN HEIJST <i>et al.</i> (2019)	Estudo observacional com análise de redes	Investigar as conexões neurobiológicas e sociais entre TEA e depressão.	A análise de redes demonstrou interconexões significativas entre fatores biológicos e dificuldades sociais que aumentam a suscetibilidade à depressão.	A interconexão entre TEA e depressão é influenciada por fatores neurobiológicos e sociais, como dificuldades sociais e comorbidades psiquiátricas.
UIJAREVIC <i>et al.</i> (2021)	Estudo longitudinal retrospectivo	Explorar a prevalência e evolução dos sintomas depressivos em indivíduos com TEA ao longo da vida.	As taxas de depressão são mais elevadas durante a adolescência e a transição para a vida adulta, persistindo em níveis altos na vida adulta.	Indivíduos com TEA apresentam altas taxas de depressão em todas as faixas etárias, com picos significativos durante a transição para a vida adulta.
ANGEL <i>et al.</i> (2020)	Estudo descritivo	Analisar a apresentação dos sintomas depressivos em indivíduos com TEA e como diferem da população geral.	Os sintomas incluem irritabilidade, isolamento social e comportamentos autolesivos, em vez dos sintomas típicos de tristeza profunda.	Os sintomas depressivos em indivíduos com TEA frequentemente se manifestam de forma atípica, dificultando o diagnóstico e aumentando o risco de autolesão.

RHODES <i>et. al</i> (2022)	Estudo qualitativo com entrevistas semiestruturadas	Examinar as vivências de crianças e adolescentes com TEA e depressão, sob a perspectiva dos pacientes e pais.	Os pais relataram dificuldades em obter um diagnóstico preciso e acesso a tratamentos adequados devido à manifestação atípica dos sintomas.	Os sintomas de depressão em indivíduos com TEA são frequentemente subestimados ou mal interpretados, o que dificulta o diagnóstico e a intervenção precoce.
-----------------------------	---	---	---	---

DISCUSSÃO

A relação entre autismo e depressão é um tema amplamente discutido na literatura, evidenciando a complexidade e os desafios enfrentados por indivíduos no espectro autista ao longo da vida. Os artigos analisados oferecem uma visão abrangente sobre como o tempo de diagnóstico, as experiências vividas e a apresentação dos sintomas influenciam a saúde mental de adolescentes e adultos com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

No estudo de Hosozama *et al.*, revela que diagnósticos tardios estão fortemente associados a níveis mais elevados de depressão e comportamentos autolesivos. Isso sublinha a importância de um diagnóstico precoce, que pode facilitar intervenções eficazes e reduzir a incidência de problemas emocionais². Na pesquisa realizada por Rhodes *et al.* destaca como crianças e adolescentes autistas, junto com seus pais, vivenciam a depressão. Os relatos mostram a dificuldade em comunicar emoções e a experiência de isolamento social, que contribuem para o desenvolvimento de sintomas depressivos. Essas experiências ressaltam a necessidade de estratégias de comunicação que sejam sensíveis às particularidades dos indivíduos autistas⁵. No mesmo sentido, no estudo realizado por Heijst *et al.* apresenta uma análise em rede que ilustra como fatores como solidão e desafios de comunicação estão interligados e exacerbam os sintomas depressivos em indivíduos autistas. Essa interconexão sugere a necessidade de intervenções que abordem múltiplos aspectos da vida do indivíduo, promovendo um suporte abrangente¹.

A pesquisa realizada por Uijarevic *et al.* indica que a ansiedade e a depressão não são problemas restritos à infância, mas persistem ao longo da vida. Os achados sugerem que um acompanhamento contínuo é essencial, permitindo que intervenções sejam ajustadas conforme as necessidades emocionais que mudam ao longo do tempo³. No estudo de Angel *et al.* destaca que os sintomas depressivos em indivíduos autistas podem se manifestar de maneira diferente da população geral, frequentemente levando a diagnósticos imprecisos. A conscientização sobre essas diferenças é crucial para garantir que os profissionais de saúde mental possam fornecer tratamentos adequados e sensíveis às necessidades desses indivíduos⁴.

No estudo de Magnuson *et al.*, caracteriza em seus estudos os sintomas depressivos em crianças com TEA, destacando como esses sintomas podem ser subdiagnosticados devido às particularidades do transtorno⁶. Além disso o estudo de Ghaziuddin *et al.*, é um estudo de caso controle que investiga a história familiar de depressão em crianças com TEA, sugerindo que fatores genéticos e ambientais podem influenciar o desenvolvimento de sintomas depressivos⁷. Já no estudo de Valicenti-McDermott *et al.*, explora a comorbidade de condições de saúde mental entre crianças autistas em populações etnicamente diversas, ressaltando a necessidade de uma abordagem culturalmente sensível na identificação e tratamento da depressão⁸.

CONCLUSÃO

Em suma, os achados dos artigos revisados apontam para uma alta probabilidade de indivíduos com TEA desenvolverem depressão, com fatores tanto biológicos quanto psicossociais contribuindo para esse risco. A prevalência aumentada, as manifestações atípicas dos sintomas e as dificuldades no diagnóstico destacam a necessidade de estratégias específicas e adaptadas para a identificação precoce e o manejo dos sintomas depressivos em pessoas com TEA. Além disso, a revisão sugere que intervenções psicossociais e um suporte familiar estruturado são essenciais para melhorar a qualidade de vida e reduzir o impacto da depressão nessa população.

REFERÊNCIAS

- ¹ HEIST, Barbara FC Van *et al.* Autism and depression are connected: A report of two complimentary network studies. **Autism**. v. 24, pp. 680-692, 2020.
- ² HOSEZAWA, Mirko *et al.* Timing of diagnosis, depression and self-harm in adolescents with autism spectrum disorder. **Autism**. v. 25, pp. 70-78, 2021.
- ³ ULJAREVIC, Mirko. Anxiety and Depression from Adolescence to Old Age in Autism Spectrum Disorder. **Jornal of Autism and Developmental Disorders**. pp.3155-3165, 2020.
- ⁴ ANGEL, Lisa. Presentation of Depressive Symptoms in Autism Spectrum Disorders. **Western Jornal of Nursing Research**. v. 45, n.9, pp. 854-861, 2023.
- ⁵ RHODES, Sinead M. Lived experiences of depression in autistic children and adolescents: A qualitative study on child and parent perspectives. **Elsevier**, 2023.
- ⁶ MAGNUSON, Katherine M. *et al.* Characterization of Depression in Children with Autism Spectrum Disorders. **J Dev Behav Pediatr**, 2011.
- ⁷ GHAZIUDDIN, Mohammed. Depression in Children with Autism/Pervasive Developmental Disorders: A Case-Control Family History Study. **Jornal of Autism and Developmental Disorders**. v. 28, pp.111-115, 1998.
- ⁸ VALICENTI-MCDERMOTT, Maria. Comorbidities in School-Age Children and Adolescents with Autism in an Ethnically Diverse Population: Brief Report. **Jornal of Child and Adolescent Psycopharmacology**. v. 33, pp. 190-194, 2023.